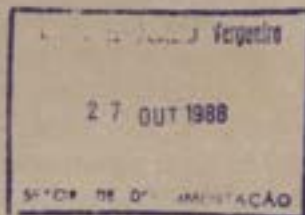


2

372 ANOS DE ESCRAVIDÃO  
+ 100 ANOS DE "ABOLIÇÃO"  
= 472 ANOS DE OPRESSÃO

BASTA DE RACISMO



Comissão Executiva do Movimento Negro Unificado  
Belo Horizonte, 09 e 10 de Janeiro de 1988.

MNU - São Paulo  
Rua Rêgo Freitas, 474 - V. Buarque  
CEP 01220 - São Paulo - SP

MNU - Campinas  
Caixa Postal 6.144  
CEP 13.100 - Campinas - SP

MNU - Rio de Janeiro  
Caixa Postal 794  
CEP 20.001 - Rio de Janeiro

MNU - Pernambuco  
Caixa Postal 692  
CEP 50.000 - Recife - PE

MNU - Minas Gerais  
Caixa Postal 526  
CEP 30.000 - Belo Horizonte - MG

MNU - Rio Grande do Sul  
Caixa Postal 771  
CEP 90.000 - Porto Alegre - RS

MNU - Bahia  
Caixa Postal 6.423  
CEP 40.000 - Salvador - BA

MNU - Distrito Federal  
Caixa Postal 111.192  
CEP 70.084 - Brasília - DF

MNU - Juazeiro - BA  
Caixa Postal 78  
CEP 48.900 - Juazeiro - BA

MNU - GO  
Caixa Postal 1.290  
CEP 74.000 - Goiânia - GO

1. NEG

D

# MNU

MANIFESTO NACIONAL DO  
MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO

## "CENTENÁRIO DA ABOLIÇÃO"

1988 - Ano do Centenário da Lei Áurea assinada pela Princesa Isabel no dia 13 de Maio de 1888. Um final feliz para a classe dominante que com a assinatura desta Lei, desobrigava os senhores de escravos de pesados encargos. A economia baseada no trabalho escravo passava por grandes dificuldades devido a proibição do tráfico de escravos, encarecendo a compra de mão-de-obra escrava e sofrendo fortes pressões das potências coloniais.

Já nesta época, a grande maioria de negros eram "livres", e os escravos

eram minoria em todo o país. As lutas contra o trabalho escravo avançavam, com a massa escrava lançando mão de vários meios para combater a escravidão compra de carta de alforria para livrarem do trabalho escravo, fugas em massa, suicídios, greves de fome (banzo), assassinatos de senhores de escravos, assaltos e formação de quilombos.

LUÍZ GAMA, negro abolicionista, que morreu em 13 de Maio de 1882, dizia que todo escravo que mata seu senhor, seja em que circunstância for, mata em legítima defesa. Este era o clima em

que viviam os senhores de escravos da época, e entendemos porque as classes dominantes fazem festa nos dias atuais.

Para nós do MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO, 13 de Maio não é um dia de festa, é o DIA NACIONAL DE DENÚNCIA CONTRA O RACISMO. Denúncia da forma golpista como foi realizada a Abolição da Escravatura, sendo o negro desalojado do processo produtivo da nação, sem trabalho pra garantir o seu sustento, sem terra para morar e produzir, sem escolas para a garantir a sua educação, enfim, sem condições de realmente se integrar na nova sociedade que surge a partir de 1888.

A vida da maioria negra após A Lei Aurea passa de trabalhador escravizado para a de marginalizado social, entregue a sua própria "sorte". Nada foi feito para retirar a população negra do atraso social, econômico, político e cultural, resultado de quatro séculos de escravidão. Nestes 100 anos da malfadada abolição pouca coisa mudou na essência.

A grande maioria negra habita as regiões mais pobres e insalubres do país, constituindo 77% na Região Norte, 73% no Nordeste, 50% no Centro-oeste, 32% na Sudeste e 15% no sul. Mesmo sendo contingente majoritário em tão vastas regiões como o Norte/Nordeste, inexistente como proprietária de terras, integrando a Categoria de posseiros, meeiros, invasores, favelados, sem terras e outras formas precárias de ocupação de terras e

moradias. Nós negros somos ainda apenas 30% dos que conseguem concluir o curso primário, 25% dos que concluem o segundo grau e somente 1% dos que chegam às universidades. Somos ainda 60% dos que recebem até meio salário mínimo enquanto os brancos são 42%: somos 10% dos que ganham até 10 salários mínimos enquanto os brancos são 87%.

As polícias e os grupos para-militares funcionam sobre nós como agentes repressores do Estado, praticando toda a sorte de violências; crueldades, humilhações, torturas.

As mulheres negras, nas sua grande maioria são empregadas como domésticas, realizando trabalhos de semi-escravidão, recebendo baixos salários e sem os direitos trabalhistas conquistados pelos trabalhadores como carteira assinada, assistência médica, férias e 13º salário. Em outros tipos de trabalho são pessimamente remuneradas e sempre desrespeitadas.

Abolição de fato pressupõe transformações profundas na sociedade brasileira como acesso ao trabalho e uma justa distribuição de renda, reforma agrária sob o controle dos trabalhadores, devolução aos seus descendentes das terras conquistadas pelos quilombolas e estabelecimento de uma nova ordem de comunicação.

Antes dos discursos, carecemos do fim à violência policial, fim ao desemprego, fim às doenças e a mortalidade infantil. Torna-se óbvio então, nossa ausência e falta do entusiasmo ao reverenciar

os "cem anos da abolição", uma vez que, entre o enunciado e o resultado prático da frase não existe praticamente nenhum elo.

Os homens e Mulheres negras, as entidades negras culturais, religiosas, beneficentes, recreativas e políticas — têm que tomar consciência da nossa situação e não participar das festas de comemoração do centenário da abolição. Devemos aproveitar este ano para refletir sobre nossa situação, denunciá-la e criarmos novas formas de combater o racismo e a exploração. Devemos mobilizar a comunidade negra para avançar nossa luta e organizar o Movimento Negro tornando-o cada vez mais forte, representativo e combativo.

Os vários agrupamentos de poder político da sociedade brasileira já se preparam para intervir no centenário da Abolição. A Nova República, a Igreja Católica, os Partidos Políticos, cada um a sua forma. Mas por experiência Histórica, sabemos, salvo raras exceções, quais são seus interesses em relação à população negra.

O MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO fará atividades próprias, independentes. Denunciaremos a situação do negro em toda a história do nosso país, bem como a atual, de como fomos e continuamos sendo escravizados, espezinhados e dominados. Trabalharemos em conjunto com o Movimento Negro Independente e as organizações democrá-

ticas e progressistas de todo o país, no sentido de que a população negra e nossos aliados não-negros se conscientizem efetivamente da necessidade de profundas transformações neste país, para que uma sociedade livre se construa, onde as diferenças raciais e sexuais não sejam usadas para a exploração de um ser sobre o outro e sejam abolidas as diferenças de classe.

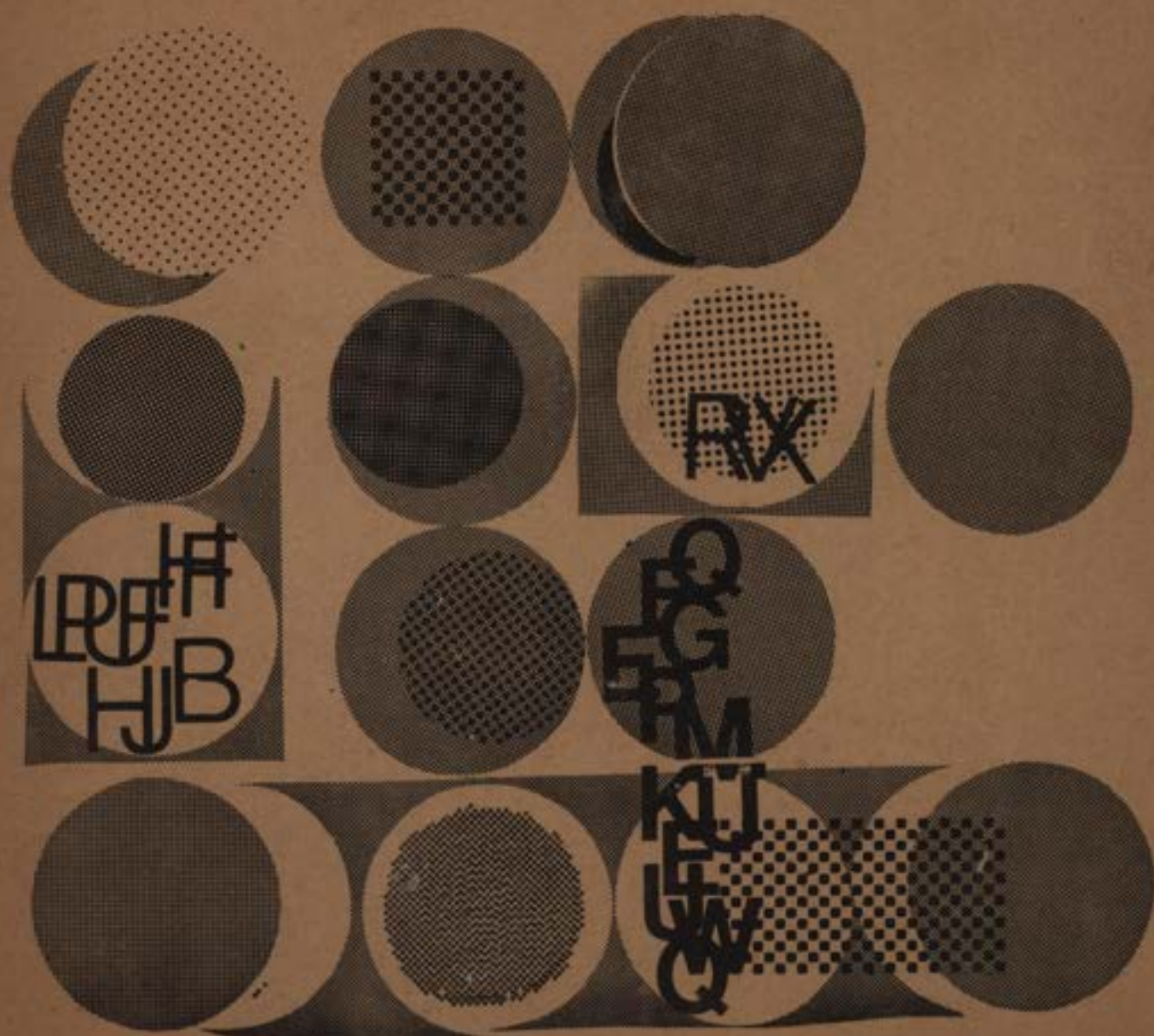
Nossas atividades no "Centenário da Abolição" se realizarão nas ruas, nas manifestações públicas, nas indústrias, nas escolas, associações de moradores e nas entidades negras em geral, realizando grandes concentrações de negros e trabalhadores, setores oprimidos dessa sociedade que realmente têm interesse que se acabe com todo tipo de opressão.

Convocamos a todos que participem das reuniões e encontros municipais, estaduais, regionais e nacionais, locais onde se dão importantes discussões para se aprofundar projetos que realmente mude a vida dos negros e de todos os oprimidos. Convocamos pessoas e organizações que junto conosco levam à frente lutas comuns do Programa de Ação do MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO, programa amplo que busca a libertação para todos, independente de sexo, raça ou cor.

Temos que dar um basta definitivo a esta situação e o tal centenário da Abolição pode ser um importante começo para pormos fim a esta dominação.

# A QUESTÃO RACIAL BRASILEIRA VISTA POR TRÊS PROFESSÔRES

FLORESTAN FERNANDES,  
JOÃO BAPTISTA BORGES PEREIRA,  
ORACY NOGUEIRA



SÉRIE CULTURA GERAL

# Escola de Comunicações e Artes/USP

Diretor - Prof. Dr. Antonio Guimarães Ferri  
Vice-Diretor - Prof. Dr. Erwin Theodor Rosenthal

## Conselho Interdepartamental (CID)

Prof. Dr. Egon Schaden  
Chefe do Departamento de Comunicações e Artes

Prof. Dr. Modesto Farina  
Coordenador do Departamento de Relações Públicas e Propaganda

Prof. José Marques de Melo  
Coordenador do Departamento de Jornalismo e Editoração

Prof. Clóvis Garcia  
Coordenador do Departamento de Teatro, Cinema, Rádio e Televisão

Prof. Alfredo Américo Hamar  
Coordenador do Departamento de Biblioteconomia e Documentação

Estudante Sérgio Gomes da Silva  
Representante do corpo discente

Secretária - Marina Cláudia Rector

Univ. No. #  
72

Florestan Fernandes, João Baptista Borges Pereira e Oracy Nogueira

# A QUESTÃO RACIAL BRASILEIRA VISTA POR TRÊS PROFESSÔRES

(Circulação Restrita)

Universidade de São Paulo  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
São Paulo — Brasil  
1971

"A QUESTÃO RACIAL BRASILEIRA VISTA POR TRÊS PROFESSORES"

Florestan Fernandes, João Baptista Borges Pereira e Oracy-Nogueira.

Brasil está bem longe de ser uma democracia racial (1)

Realiza-se, em Brasília, um Seminário sobre Segregação Racial, promovida pela ONU. O prefeito Plínio Catanhede, durante a solenidade de instalação do Seminário, disse que "era uma honra ter Brasília como sede para discussão de um dos graves problemas do mundo atual". O representante da Suécia, entre outras coisas, afirmou que não existe conflito racial no Brasil.

Mas, será mesmo verdade que aqui não existe tal conflito? Partimos de um princípio elementar na questão do segregacionismo: - Existe preconceito racial em nosso país? Esta e outras perguntas respondidas pelo Prof. Florestan Fernandes, catedrático da Cadeira de Sociologia I da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP.

Tolerância e Democracia Raciais

Inicialmente, o Prof. Florestan Fernandes aborda a questão da existência ou não de "democracia racial" no Brasil. Aliás, este tema é debatido no seu último livro ("A Integração do Negro na Sociedade de Classes", capítulos 3,5,6). "Na verdade, nos acostumamos à situação existente no Brasil e confundimos tolerância racial com democracia racial. Para que esta última exista não é suficiente que haja alguma harmonia nas relações sociais de pessoas pertencentes a estoques raciais diferentes ou que pertencem a "raças" distintas. Democracia significa, fundamentalmente, igualdade social, econômica e política. Ora, no Brasil, ainda hoje não conseguimos construir uma Sociedade Democrática nem mesmo para os "brancos" das elites tradicionais e das classes médias em florescimento. É uma confusão, sob muitos aspectos farisaica, pretender que o negro e o mulato contem com igualdade de oportunidades diante do branco, em termos de renda, de prestígio social e de poder.

O padrão brasileiro de relação racial, ainda hoje dominante, foi construído para uma sociedade escravista, ou seja, para manter o "negro" sob a sujeição do "branco". Enquanto esse padrão de relação racial não for abolido, a distância econômica, social e política entre o "negro" e o "branco" será grande, embora tal coisa não seja reconhecida de modo aberto, honesto e explícito".

MITO SOCIAL

Continuando a responder sobre a falada "democracia racial", acrescentou: "Os resultados da investigação que fiz, em colaboração com o Prof. Roger Bastide, demonstram que essa propalada "democracia racial" não passa, infelizmente, de um mito social. É um mito criado pela maioria e tendo em vista os interesses sociais e os valores morais dessa maioria; ele não ajuda o "branco" no sentido de obrigá-

(1) Entrevista publicada por A Gazeta, 27/8/1966.

lo a diminuir as formas existentes da resistência à ascensão social do "negro"; - nem ajuda o "negro" a tomar consciência realista da situação e a lutar para modificá-la, de modo a converter a "tolerância racial" existente em um fator favorável a seu êxito como pessoa e como membro de um estoque "racial".

#### TIPOS DE PRECONCEITO RACIAL

Estabelecido que existe preconceito racial no Brasil, o Prof. Florestan Fernandes esclareceu:

"De fato, existem várias formas sócio-culturais de preconceito racial. O que há de mal conosco consiste no fato de que tomamos como paralelo o tipo de preconceito racial explícito, aberto e sistemático posto em prática nos Estados Unidos. Todavia, os especialistas já evidenciaram que existem vários tipos de preconceito e, pelo menos um sociólogo brasileiro, o Prof. Oracy Nogueira, se preocupou em caracterizar as diferenças existentes entre o preconceito racial sistemático, que ocorre nos Estados Unidos, e o preconceito racial dissimulado e assistemático, do tipo que se manifesta no Brasil. Já tentei, de minha parte, compreender geneticamente o nosso modo de ser. Segundo penso, o catolicismo criou um drama moral para os antigos senhores de escravos, pois a escravidão colidia com os "mores" cristãos. Surgiu daí, a tendência a disfarçar a inobservância dos "mores", pela recusa sistemática do reconhecimento da existência de um preconceito que legitimava a própria escravidão.

#### "NEGRO" VERSUS "BRANCO"

Florestan Fernandes continua: "Sem a idéia de que o "negro" seja "inferior" e necessariamente "subordinado" ao "branco", a escravidão não seria possível num país cristão. Tomaram-se estas noções para dar fundamento à escravidão e para alimentar outra racionalização corrente, segundo a qual o próprio negro seria "beneficiado" pela escravidão, mas sem aceitar-se a moral da relação que se estabelecia entre o senhor e o escravo. Por isso, surgiu no Brasil uma espécie de preconceito reativo: o preconceito contra o preconceito de ter preconceito. Ao que parece, entendia-se que ter preconceito seria degradante e o esforço maior passou a ser o de combater a idéia de que existiria preconceito no Brasil, sem se fazer nada no sentido de melhorar a situação do negro e de acabar com as misérias inerentes ao seu destino humano na sociedade brasileira. Acho que aqui seria bom se lessem os trabalhos recentes publicados por sociólogos, antropólogos e psicólogos, mais ou menos concordantes, e, em particular, que o "branco" se reeducasse de tal maneira que pudesse pôr em prática, realmente, as disposições igualitárias que ele propunha ter diante do "negro".

#### DISCRIMINAÇÃO E SEGREGAÇÃO

À pergunta se existiria "discriminação" e "segregação" raciais no Brasil, disse:

"A discriminação que se pratica no Brasil é parte da herança social da sociedade escravista. No mundo em que o "negro" e o "branco" se relacionavam como escravo e

senhor, este último tinha prerrogativas que aquele não possuía - nem podia possuir, como "coisa" que era e "fôlego vivo", uma espécie de "instrumento animado das relações de produção". A passagem da sociedade escrava para a sociedade livre não se deu em condições ideais. Ao contrário, o negro e o mulato viram-se submergidos na economia de subsistência, nivelando-se, então, com o "branco", que também não conseguia classificar-se socialmente, ou formando uma espécie de escória da grande cidade, vendo-se condenados à miséria social mais terrível e degradante".

#### ABOLICIONISMO NÃO ABOLIU

Reportando-se ao abolicionismo, Florestan Fernandes acentua: "Apesar de seus ideais humanitários, o abolicionismo não conduziu os "brancos" a uma política de reparo ao negro e ao mulato. Como o demonstram os resultados da análise pioneira de Roberto Simonsen, em trabalho magistral, nos momentos mais duros da transição existiram fazendeiros que defendiam a idéia da indenização. Nenhum deles se levantou em prol da indenização do escravo ou do liberto e, em consequência, os segmentos da população brasileira que estavam associados à condição de escravo ou de liberto viram-se nas piores condições de vida nas grandes cidades. Foram reduzidos a uma condição marginal, na qual se viram mantidos até o presente. Somente depois de 1945 começaram a surgir oportunidades de classificação na estrutura da ordem social competitiva, ainda assim, para número limitado de indivíduos potencialmente capazes de terem êxito na competição sócio-econômica com os brancos".

#### SEGREGAÇÃO DISSIMULADA

A seguir, disse o famoso sociólogo: -"A discriminação existente é um produto do que chamarei "persistência do passado", em tôdas as esferas das relações humanas - na mentalidade do "branco" e do "negro", nos seus ajustamentos à vida prática e na organização das instituições e dos grupos sociais. Para combatermos com êxito esse tipo de discriminação, seria necessário extinguir o padrão tradicional brasileiro de relação racial, e criar um novo padrão realmente igualitário e democrático - de relação racial, que conferisse igualdade econômica, social, cultural e política entre negros, brancos e mulatos. As mesmas idéias podem ser aplicadas à segregação. Esta foi praticada no passado senhorial, apesar da convivência por véses íntima, - entre senhores e escravos. Fazia parte de duplo estilo de vida que separava espacial, moral e socialmente o "mundo da senzala" do "mundo da casa grande".

"A segregação do "negro" é sutil e dissimulada, pois êle é confinado ao que os antigos líderes dos movimentos negros de São Paulo chamavam de "porão da sociedade". As coisas estão se alterando, nos últimos tempos, mas de forma muito superficial e decorada. Para atingirmos a situação oposta, implícita no nosso mito de democracia racial, o negro e o mulato precisariam confundir-se com o branco num mundo de igualdade de oportunidades para todos, independentemente da cor da pele ou da extração social. É pouco provável que isso se dê sem que os próprios negros e mulatos tenham uma consciência mais completa e profunda de seus interesses numa sociedade multi-racial, em que ôles constituem uma minoria deserdada e proscrita".



Florestan Fernandes concluiu observar lo-que—"foi preciso quase três quar-  
tos de século para que o negro e mulato encontrassem, em São Paulo, perspectivas  
comparáveis àquelas que se defrontaram os imigrantes e seus descendentes. Quanto  
tempo terá que correr para que consigam tratamento igualitário numa sociedade ra-  
cialmente aberta? Essa pergunta me parece fundamental. Os "negros" devem preparar-  
se para respondê-la e os "brancos" devem preparar-se para ajudá-los, solidariamen-  
te, a pôr em prática as soluções que a razão indicar, sem subterfúgios e com gran-  
deza humana".

#### "PRECONCEITO RACIAL NO BRASIL NÃO SEGREGA, MAS DISCRIMINA"

"Preconceito racial" ainda é o tema: após a entrevista do sociólogo Flore-  
tan Fernandes, trazemos aos nossos leitores o ponto de vista do prof. João Baptis-  
ta Borges Pereira, assistente da Cadeira de Antropologia da USP. O assunto nunca  
deixa de ser atual, pois é mais um dos problemas que impedem o pleno desenvolvi-  
mento sócio-cultural do Brasil. Nosso entrevistado de hoje é doutor em Ciências Soci-  
ais, tendo defendido tese justamente sobre "Segregação Racial". À mesma pergunta  
—"Existe preconceito racial no Brasil", responde afirmativamente e acrescenta:  
"O preconceito racial é apenas uma modalidade de preconceito. Em sentido amplo, é  
encontrado em todas as sociedades humanas. O preconceito é expressão de que em An-  
tropologia se denomina etnocentrismo. Em seguida, explica que etnocentrismo é "a  
tendência, de que tudo indica universal, que leva indivíduos, grupos e povos à  
supervalorização de suas próprias expressões de vida, conduzindo-as, consequente-  
mente, a subestimar as características de outros indivíduos, grupos e povos".  
Atrás do preconceito está a imagem estereotipada de outro, do estranho, a exaltar  
qualidades, a exagerar defeitos. Portanto, o preconceito "racial" é uma elaboração  
etnocêntrica que tem como ponto de apoio as características somáticas, físicas, -  
biológicas, de determinados grupos humanos.

#### PROBLEMA SOCIAL

Fala o Prof. João Baptista sobre o preconceito existente no Brasil: "Quan-  
do se indaga da existência desse fenômeno entre nós, há alguns pontos a serem con-  
siderados: em primeiro lugar, as sociedades do tipo multi-racial, isto é, aquelas  
que abrigam segmentos populacionais oriundos de diversos estoques "raciais", como  
é o caso do Brasil, tendem a enfrentar a erupção deste fenômeno como "problema so-  
cial" que surge dentro de suas fronteiras; em segundo lugar, ainda que nossa aten-  
ção se oriente para o preconceito como problema que afeta as relações entre bran-  
cos e pretos, não nos esqueçamos que ele permeia, com menor rigor, é verdade, as  
interações que se estabelecem entre diferentes grupos "raciais", brancos ou não;  
em terceiro lugar, precisamos distinguir o preconceito da discriminação e da segre-  
gação".

### DISCRIMINAÇÃO E SEGREGAÇÃO

Nosso entrevistado aponta as distinções entre as duas formas de manifestação do racismo. "A discriminação é o processo de marginalização social e cultural imposta ao homem ou ao grupo "diferente".

A segregação, por sua vez, conduz ao isolamento, inclusive geográfico, do grupo preconceituoso ou discriminado. Quando se discute a situação do grupo negro no Brasil, deve-se ter em mente estas distinções. Diferentemente do que ocorre com o negro americano, o preto brasileiro é alcançado de forma velada, pelo preconceito e pela discriminação, mas não é atingido pela segregação. "Ainda dentro deste diapasão comparativo, enquanto o negro americano é vítima do preconceito de origem, o negro brasileiro é envolvido pelo preconceito de marca. Oracy Nogueira, sociólogo paulista, discute muito bem esta distinção, ao mostrar que no primeiro tipo de preconceito, basta o indivíduo ter em sua ascendência alguém de cor para ser preconceituado. É o preconceito de sangue. No segundo caso, que reflete a situação brasileira, não interessa a ascendência do indivíduo, mas sim os seus traços, a sua marca. Se o indivíduo não apresenta traços negróides, mesmo que tenha ascendência negra, é branco, e como tal é tratado. Por fim, sempre comparativamente, o preconceito e as restrições ao negro, dentro dos padrões americanos, são feitos abertamente, às claras. No Brasil, esses fenômenos são ordenados por padrões idênticos vinculados ao que se convencionou rotular de democracia racial.

"Por diferentes motivos, brancos e pretos evitam desafiar tais padrões e o resultado é que o preconceito e a discriminação se manifestam de maneira velada, às escondidas. Essa dissimulação, aliada ao fato de nossa realidade "racial" ser examinada à luz de modelos americanos, é que desmanteou alguns estudiosos, levando-os à conclusão de que no Brasil não havia preconceito racial.

### DISCRIMINAÇÃO MUITO EFICIENTE

Perguntamos:-"Nossa vida política, educativa, cultural, religiosa (em termos cristãos), raramente nos revela uma personalidade negra. O que explicaria isso? O Prof. João Baptista responde:- "Essa falta de personalidades negras em diferentes dimensões da sociedade brasileira significa, como é óbvio, que o grupo não participa plenamente da vida sócio-cultural. É, portanto, manifestação convincente de um processo de discriminação muito eficiente, ainda que velado. Entre outros fatores, há atrás deste fato, o que Florestan Fernandes chama de histórica "carência institucional". Isto é, o regime escravocrata eliminou toda e qualquer possibilidade de o negro preservar, em terras brasileiras, as suas instituições originais e, ao mesmo tempo, impediu-o de copiar e pôr em funcionamento as instituições adotadas pela cultura portuguesa, aqui identificada no mundo dos brancos".

"Como se sabe, são as instituições - família, por exemplo, que preparam os indivíduos para viver em sociedade. Viver em sociedade significa dominar técnicas sociais e assimilar padrões culturais, requisitos indispensáveis para que o indivíduo possa disputar e preservar posições na estrutura social. O negro sofre, portanto, o impacto dessas condições desfavoráveis, na medida em que tal carência ou

seus efeitos se projetam até a atualidade, agindo negativamente em seu processo de integração em nossos quadros sociais e culturais".

#### GRUPO NEGRO NÃO PODE COMPETIR

Passando ao processo de integração o Prof. João Baptista considera que ele se torna cada vez mais complexo, principalmente quando se pensa que a moderna sociedade brasileira, pelo menos nas esferas mais urbanizadas, desafia o homem atual, "levando-o a aliciar tôdas as suas potencialidades e qualificações para participar, com êxito, do processo de competição subjacente a todo processo de mobilidade social". Acrescenta: "o grupo negro, diferentemente do branco, não está apto para tal competição. É claro que tais afirmações são apenas verificações do fenômeno. Entre outras coisas, o que interessa é ir ao fundo, ver o que impediu historicamente e o que impede, nos dias atuais, o grupo negro de se preparar, de se socializar satisfatoriamente".

#### TRADIÇÃO NEGRA

Colocamos a questão: -"Por que, excetuando os trabalhos humildes, o setor artístico é o que mais recebe contribuição do negro?" Nosso entrevistado explica: -"Há aqui a distinguir cultura negra de grupo negro e negro-tema de negro-agente. Ainda que este aspecto não tenha sido sistematicamente estudado, é lícito reconhecer que tôdas as expressões da cultura brasileira estão impregnadas, em maior ou menor grau, de influência da tradição negra. E esta contribuição se expressa de forma mais eloquente nas esferas artísticas, principalmente no campo musical. Mas, a aceitação de elementos culturais não significa, necessariamente, a aceitação de elemento humano a ele identificado. Assim, um homem branco pode encontrar prazer na música negra, pode se deliciar com a culinária negra, pode adotar em seu vocabulário termos de origem negra, sem contudo aceitar, como igual, o homem negro.

De outro lado, o negro como tema de arte, ainda que valorizado pelo Modernismo, é algo que tem encontrado grande receptividade na nossa tradição cultural. Porém, o negro-agente, isto é, aproveitamento do negro como agente humano ligado às atividades remuneradas que gravitam em torno dessas expressões artísticas, não tem seguido o mesmo ritmo. Por exemplo, toda a música erudita brasileira, a partir da década de 20 até a de 30 foi profundamente influenciada pela temática negra. Entretanto, o negro como intérprete profissional não surge na cena musical erudita. Ele aparece apenas no campo da música popular, onde, a par da revalorização e da aceitação da música urbana "negra", o preto encontrou condições favoráveis de profissionalização.

#### PRECONCEITO É CRENÇA

Afinal, depois de nos falar sobre os vários aspectos e implicações sociais do preconceito, perguntamos ao Prof. João Baptista quais as medidas a tomar para eliminar tal conflito. Responde:- "Uma coisa parece certa: enquanto se pode pensar em medidas para atenuar as ações discriminatórias e segregatórias, pois estas se exteriorizam num plano manipulável pelo sistema formal de controle social,

o mesmo não parece ocorrer em relação ao preconceito. Este é acima de tudo uma crença, e, como tal profundamente enraizada nos domínios das emoções humanas. É esse campo paradoxal e contraditório, diferente da racional, não é facilmente alcançado pelas técnicas de esclarecimento de opinião pública".

"Contudo, algo pode ser tentado, embora nem isto ainda tenha sido feito entre nós: deve-se lançar mão dos modernos meios de influenciar pessoas, rádio e televisão, por exemplo, e colocá-los sistematicamente a serviço de campanha esclarecedora que irá beneficiar tanto a brancos como a pretos, tanto os que preconceituam, como os que são preconceituados".

#### ATUAÇÕES DE ARTISTAS NEGROS COMPROMETE SUA PRÓPRIA RAÇA

Oracy Nogueira, sociólogo paulista, antes de nos falar a respeito do preconceito racial nos seus vários aspectos, destaca o problema dos negros em nossos meios artísticos.

"Confesso que sinto um misto de indignação e de pesar quando vejo, na televisão, um cômico de cor a explorar, como fonte de hilariedade, alusões aos aspectos mais deprimentes e injustos do estereótipo corrente em relação ao negro, como o de ser este irresponsável, vagabundo, bêbato, e assim por diante. Quando vejo tais programas não sei se minha maior indignação deve ser contra o ator negro que se dispôs a pagar um preço tão vil pela oportunidade de representar, ou contra a crueldade do produtor que dele exigiu esse desempenho".

"Enquanto outros grupos, como os judeus, estão sempre vigilantes para fazer expurgar os programas teatrais, de rádio e de televisão de qualquer insinuação que reforce o estereótipo ou preconceito contra seu grupo, o negro é uma vítima inerente de programas que o ferem frequentemente com o conluio de membros de seu próprio grupo. Em parte isto se dá porque estando a maior parte da população de cor concentrada na camada menos favorecida, é delas que menos dependem as emissoras como fonte de anúncios".

"A gravidade desta questão se torna ainda mais patente quando se tem em conta que os programas cômicos atraem, de um modo especial, as crianças e os jovens. A hilariedade e o ridículo são ótimos condimentos para a ingestão de preconceito".

#### TIPOS DE PRECONCEITO

O sr. Oracy Nogueira distingue dois tipos de preconceitos: de marca e de origem. O primeiro existe entre nós e, o segundo, nos Estados Unidos. A manifestação dos dois preconceitos é bastante diversa e o sociólogo paulista aponta uma série de pontos de contraste entre a situação racial dos dois países: "por exemplo, quanto ao modo de atuar, o de marca determina uma preterição, o de origem faz com que o elemento preconceituado seja excluído das situações pelas quais poderia competir com os membros do grupo discriminador".

Outro ponto de contraste é que onde existe o preconceito de marca, o que vale é a aparência física. "Onde é de origem, presume-se que o mestiço, seja

qual fôr sua aparência, tenha as "potencialidades hereditárias" deste último e, portanto, a êle se filia racialmente". "Enquanto no Brasil a concepção de branco varia em função do grau de mestiçagem, de indivíduo para indivíduo, de classe para classe, de região para região, nos Estados Unidos o negro é conceituado oficialmente como todo indivíduo na sua comunidade conhecido como tal, havendo pessoas completamente brancas, sem nenhum característico negróide, mas que são socialmente negras, sofrendo todas as restrições que se aplicam ao grupo negro". Oracy Nogueira cita, então, um exemplo: "Até há poucos anos, o líder da "National Association for The Advancement of Colored People" era Walter Whyte, um negro-branco, loiro, de olhos claros, inteiramente identificado com o seu grupo".

#### OUTROS CONTRASTES

"Há também um contraste quanto à ideologia ligada às duas situações raciais: onde o preconceito é de marca, a ideologia é, ao mesmo tempo, assimilacionista e miscegecionista. Onde é de origem, ela é segregacionista e racista".

Oracy Nogueira fala também das distinções entre diferentes minorias: - no Brasil se ouve alegar, com sentido de reprovação, que certos grupos étnicos não se casam com brasileiros e procuram preservar seu próprio patrimônio cultural. Nos Estados Unidos, ao contrário, "quando se comparam duas ou mais minorias, se aponta como atenuante que determinada minoria está satisfeita consigo mesma e portanto, os seus membros não estão procurando casar fora de seu grupo".

Outro aspecto diferente é que "no Brasil a experiência decorrente do problema da cor varia com a intensidade das marcas e com a maior ou menor capacidade que tenha o indivíduo de contrabalançá-la com outros característicos e condições como elegância, talento, polidez, instrução, etc."

"Entre os próprios indivíduos de cor há uma impressão generalizada de que é difícil levar a população negra a manifestações de solidariedade e de que, em geral, quando um preto ou mulato sobe socialmente, êle se desinteressa pela sorte de seus companheiros de cor, chegando mesmo a negar, com frequência, a existência de preconceito".

#### LUTA COLETIVA

Prosseguindo, o sociólogo Oracy Nogueira afirma: "Nos Estados Unidos, a luta do negro, seja qual fôr a sua aparência, é sobretudo uma luta coletiva. As próprias conquistas individuais são vistas como verdadeiras tomadas de novas posições em nome do grupo todo. E, em todo contato com pessoas brancas, mesmo nas organizações destinadas a combater as restrições raciais e a melhorar as relações entre diferentes minorias entre si e a maioria, o indivíduo de cor assume papel de representante vanguardeiro ou diplomata de seu próprio grupo".

#### DIMENSÕES DO PRECONCEITO

Esclarece o nosso entrevistado: "Há esferas de atividade em que a discriminação é mais rígida, outras em que é menos rígida e outras ainda em que constituem esferas de trânsito mais livres para as pessoas de cor". "Ela é mais rígida

nas situações que implicam em contatos íntimos e simétricos entre pessoas dos dois sexos e de diferentes idades, como, por exemplo, os clubes sociais".

"É notório, de outro lado, o sucesso de pessoas de cor em atividades como as esportivas, as musicais e, em geral, as ligadas ao rádio e à televisão. Em relação ao rádio, o professor João Baptista Borges Pereira, da Faculdade de Filosofia da USP, realizou um estudo muito interessante em que revela aspectos inteiramente inéditos da situação".

#### MEDIDAS PARA ATENUAR

Concluindo, Gracy Nogueira sugere medidas para uma possível atenuação do problema: "antes de mais nada, devemos chamar a atenção para a complexidade do problema, que não pode ser resolvido por nenhuma medida simplista. De qualquer modo, uma série de medidas poderá contribuir para melhorar a situação, pelo menos a longo termo".

"Entre essas medidas, se incluiriam as de caráter educativo, como o esclarecimento de crianças, jovens e da população em geral em relação ao problema. Outras seriam de caráter legal dando-se, por exemplo, eficácia à lei Afonso Arinos, que proíbe a discriminação, ou seja, a destituição de direitos com base em critérios racistas".

"O próprio negro deveria ser educado e assessorado por intelectuais, negros ou não, a fim de que não contribua, inconscientemente, para o reforço do estereótipo deprimente, e, conseqüentemente, do preconceito corrente em relação ao seu grupo".

Série S, Texto 4

"CULTURA GERAL"

---

1. Problemas Fundamentais e Estado Atual das Pesquisas sobre os Índios do Brasil. Egon Schaden. 14 pags. 1970.
2. Léxico das Religiões Africanas no Brasil. Roger Bastide. 13 pags. 1970.
3. O Império de Belo Monte. Maria Isaura Pereira de Queiroz. 13 pags. 1970.
4. A Questão Racial Brasileira Vista por Três Professôres. F.Fernandes, João B.B. Pereira e Oracy Nogueira. 9 pags. 1970.

---

Universidade de São Paulo  
Escola de Comunicações e Artes

DEPARTAMENTO DE JORNALISMO E EDITORAÇÃO (CJE)

Editoria de Textos  
Fone: 286-0011 — Ramal 134  
Caixa Postal 8191

Cidade Universitária "Armando de Salles Oliveira"  
São Paulo — Capital  
Brasil

---

Impresso na "Oficina Gráfica" do CJE



escola de  
comunicações  
e artes / usp

departamento  
de jornalismo e  
editoração

